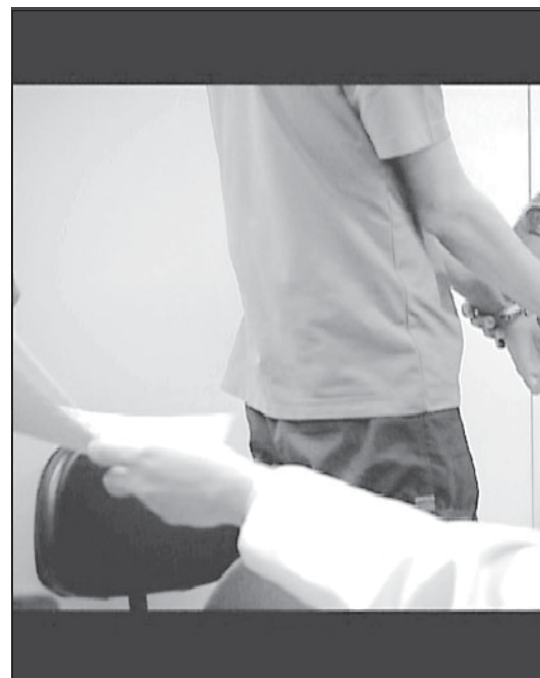


Fronteiras e horizont

A

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

produção de cinema documentário vive um momento especialmente positivo no Brasil. Segundo dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine), órgão do Ministério da Cultura, em 1994 apenas um longa-metragem do gênero foi rodado no país. Em 2007 foram 32, número que representou 30% dos lançamentos cinematográficos. A propósito do fortalecimento dessa produção documentária, mas não apenas por causa dela, o professor Fernão Pessoa Ramos, do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, acaba de lançar o livro *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* A obra reúne sete artigos inéditos escritos por ele, que tratam desde as dúvidas mais frequentes das pessoas em relação a esse tipo de cinema, como qual a diferença entre documentário e ficção, até temas mais “delicados”, como verdade, realidade e objetividade. “O objetivo do livro não é ser didático e nem definir de maneira normativa o que é documentário. Minha tentativa foi de trabalhar a definição de um conceito”, explica o autor. Na entrevista que segue, Fernão Ramos fala desses e de outros assuntos e destaca quais fatores contribuíram para o que alguns chamariam de *boom* do cinema documentário nacional.



Jornal da Unicamp – O título do livro sugere que ele pretende ser uma espécie de “porta de entrada” para o universo do documentário. É isso mesmo?

Fernão Ramos – É exatamente isso. O livro tem um viés de reflexão, por meio do qual eu me proponho a pensar o cinema a partir de um horizonte conceitual bem determinado. Mas o primeiro artigo constitui uma introdução ao tema. Como eu ensino documentário há 15 anos, eu juntei no texto de abertura algumas questões que geralmente me são feitas pelos alunos, e procurei esclarecê-las ao leitor.

JU – E quais são as principais dúvidas nesse sentido?

Fernão Ramos – Por exemplo: qual a diferença entre documentário e ficção? A ficção não estabelece igualmente afirmações sobre o mundo? Como saber se o que estou assistindo é realmente um documentário? Como um filme pode ser considerado documentário se ele é encenado? Qual a fronteira do documentário? A idéia do livro não é responder didaticamente a essas questões e nem tampouco esgotar o assunto. Também está longe da minha intenção estabelecer qualquer horizonte normativo, do tipo ‘a partir dessa linha é documentário’. Essa delimitação a gente consegue fazer nas ciências exatas ou nas biológicas. Ou seja, H₂O é água. Se tiver três átomos de hidrogênio deixa de ser água para ser outra coisa. Nas ciências humanas as coisas não funcionam assim, principalmente na área em que atuo, que é a teoria do cinema. Assim, não faz sentido pensar que é possível formular uma definição cabal para o que é documentário. O título do livro, nesse contexto, é uma espécie de ironia, um chamamento à polêmica.

JU – Mas ainda assim é possível trabalhar com algumas definições, não?

Fernão Ramos – O fato de não podermos trabalhar com as mesmas certezas das ciências exatas e biológicas não nos impede de lidar com um horizonte conceitual. A tentativa

do livro, repito, não é definir de uma maneira normativa o que é documentário, mas tentar trabalhar com a definição de um conceito.

JU – Dentre as dúvidas que cercam o documentário, a questão da linguagem ou das linguagens empregadas no gênero é recorrente?

Fernão Ramos – Sim, sem dúvida. Eu prefiro usar o conceito de ‘narrativa’. A definição da narrativa documentária é uma questão sempre presente. Esse é um dos pontos que eu abordo no livro. Eu tento deixar de lado conceitos como ‘realidade’, ‘objetividade’ e ‘verdade’ e trabalhar a definição a partir de algumas estruturas recorrentes na narrativa documentária. Por exemplo, o fato de ter voz over ou locução, de usar entrevistas, de estabelecer ‘asserções’ sobre o mundo, de não trabalhar com atores profissionais, de usar a enunciação de um modo particular etc. Enfim, busco pensar uma estilística do documentário. E procuro pensar essa estilística de uma maneira dinâmica, visto que ela se modificou através dos tempos. Era uma coisa nos anos 30, outra nos anos 60 e outra completamente diferente nos dias atuais. É esse panorama que eu traço para o cinema documentário.

JU – O senhor falou sobre os conceitos de verdade e realidade que normalmente aparecem associados ao documentário. Existe uma ética vinculada ao gênero?

Fernão Ramos – Esse é um aspecto central, que também abordo no livro. A ética associada ao documentário passou por transformações ao longo do tempo. Havia uma ética no início do documentário, entre os anos 20 e 30, que eu chamo de ética da verdade ou ética da missão educativa. Nesse período, o documentário assumiu uma função pedagógica. Depois, nos anos 50, veio a ética do recuo, ou seja, dava-se um passo para trás, no sentido de trazer o mundo na bandeja para o espectador, para que ele exercesse sua liberdade. Nos anos 60 aparece a ética da reflexividade,

que propugnava o embate com o mundo e com o outro. E, por fim, o que a gente poderia chamar de ética pós-moderna. Trata-se de uma ética em que as ambições e o saber do sujeito estão reduzidos ou mesmo fragmentados. Um ponto comum em nossa abordagem é a preocupação de historicizar o panorama apresentado.

JU – O lançamento do livro reflete, de alguma maneira, o momento atual do cinema documentário?

Fernão Ramos – Estamos vivendo um momento particularmente favorável. Uma orientanda minha, Gabriela Maruno, acaba de defender uma dissertação de mestrado na qual ela analisou o banco de dados da Ancine [Agência Nacional do Cinema, órgão do Ministério da Cultura]. Os números demonstram um significativo avanço da produção de documentários no país, no período de 1994 a 2007. Em 1994, por exemplo, nós tivemos apenas uma produção. Em 1999, quatro. Em 2007, tivemos 32 longas-metragens documentários lan-

çados no circuito exibidor. Ainda tomando 2007 como referência, 30% dos lançamentos cinematográficos foram constituídos por documentários. Esses dados revelam a intensidade da produção documentária atual. Por outro lado, em termos qualitativos, o documentário brasileiro vive um momento particular. Autores como João Salles (‘Santiago’) e Eduardo Coutinho (‘Jogo de Cena’) atingiram uma maturidade estilística excepcional, depois de uma carreira coerente e progressiva. Novos diretores como Maria Augusta Ramos (‘Justiça’), Evaldo Mocarzel (‘À Margem da Imagem’), Roberto Berliner (‘A Pessoa é para o que nasce’), João Jardim (‘Janela da Alma’), Marcos Prado (‘Estamira’), Paulo Sacramento (‘O Prisioneiro da Grade de Ferro’), José Padilha (Ônibus 174), Guilherme Coelho (‘Fala Tu’), e outros, produziram documentários fortes nos últimos anos. Diretores com obra iniciada nos anos 70, como Vladimir Carvalho (‘O Engenho de Zé Lins’), Silvio Tendler (Encontro com Milton Santos ou a Globalização Vista do

Lado de Cá’), Eduardo Escorel (‘O Tempo e o Lugar’), também retornam à produção fílmica, apresentando novas obras significativas. O livro, de alguma forma, é reflexo desse momento.

JU – Quais fatores contribuíram para esse fortalecimento?

Fernão Ramos – Os motivos não podem ser considerados isoladamente. Existe uma estruturação do campo da produção que atinge o cinema de ficção e também o cinema documentário. Ainda que haja espaço para aprimoramento, temos uma sistemática de captação de recursos e incentivos fiscais que funciona. São valores altos que o Estado abre mão de receber e que são investidos na produção audiovisual. Existem documentários que captam mais de R\$ 1 milhão. Isso permite alguma previsibilidade na produção documentária. Outro ponto importante, que ganhou força a partir do ano 2000, foi a expansão da TV por assinatura. Quase todos da classe média têm hoje TV a cabo. Dentro da TV a cabo, você tem